

César Guimarães
Luciana de Oliveira
André Guimarães Brasil
Rosângela Pereira de Tugny
Ricardo Takahashi
Augustin de Tugny
Maria Aparecida Moura
Fernanda de Oliveira
Bárbara Regina Altivo
Terezinha Furiati

POR UMA UNIVERSIDADE PLURIEPISTÊMICA: a inclusão de disciplinas ministradas por mestres dos saberes tradicionais e populares na UFMG

RESUMO

Neste artigo apresentamos o projeto de implantação de disciplinas regulares com mestres de saberes tradicionais e populares no ensino de graduação da UFMG. Buscamos em nosso percurso argumentativo retomar o histórico de protagonismo da UFMG na colaboração com mestres de saberes tradicionais em iniciativas que antecederam a esta, bem como situar a relação entre os saberes tradicionais e as questões do mundo

contemporâneo e um breve quadro de sua inserção no mundo acadêmico a partir das experiências de outras universidades. Em seguida, apresentamos o projeto de *Formação Transversal – Saberes Tradicionais* que tem a diversidade como filosofia pedagógica central.

PALAVRAS-CHAVE: Diversidade; Universidade; Saberes Tradicionais.

Abstract

In this article we present the project deployment disciplines with traditional knowledge and popular teachers in undergraduate education at the Federal University of Minas Gerais (UFMG). Therefore, we seek in our argumentative route resume UFMG history in collaboration with traditional knowledge masters of initiatives leading up to this, and place the relationship between traditional knowledge and issues of the contemporary world and a brief picture of your inclusion in the academic world from the experiences of other universities. Then we present the *Cross Education Project – Traditional Knowledges* case that has diversity as central educational philosophy.

KEYWORDS: Diversity; University; Traditional Knowledges.

1. INTRODUÇÃO

Neste artigo buscamos apresentar o projeto de implantação de disciplinas de graduação com mestres de saberes tradicionais e populares no ensino de graduação da Universidade Federal Minas Gerais (UFMG). A iniciativa parte do gesto político-pedagógico de alargamento do horizonte epistemológico que delineia o papel social da universidade, qual seja, o de guardar, produzir e compartilhar conhecimentos. Não se trata apenas, portanto, de resguardar um único tipo de conhecimento, aquele de matriz eurocêntrica, calcado no modelo clássico da ciência positiva, mas de admitir a multiplicidade de ciências e formas de produção e validação dos conhecimentos e tecnologias que deles desbordam. Para tanto, buscamos em nosso percurso argumentativo retomar o histórico de protagonismo da UFMG na colaboração com mestres de saberes tradicionais em iniciativas

que antecederam a esta, bem como situar a relação entre os saberes tradicionais e as questões do mundo contemporâneo e um breve quadro de sua inserção no mundo acadêmico a partir das experiências de outras universidades. Em seguida, apresentamos o projeto de Formação Transversal – Saberes Tradicionais que tem a diversidade como filosofia pedagógica central.

De modo geral, a introdução das disciplinas de Artes e Ofícios dos Saberes Tradicionais – em 2014 como uma única disciplina e em 2015 como um conjunto de disciplinas de formação transversal¹ – busca promover a interlocução entre diferentes saberes e práticas (das populações indígenas, tradicionais, populares com os da academia), de tal modo que a universidade possa acolher outros sujeitos. Essas disciplinas contaram com a presença de xamãs indígenas, mestres afrodescendentes, cantores de congado, reisado e candomblé e seus aprendizes, dividindo as disciplinas com professores/pesquisadores convidados, que se dedicam ao estudo dessas tradições em diversas de suas manifestações (cantos, rituais, danças, arquitetura, filosofia, história e línguas). A ideia principal foi criar um espaço verdadeiramente dialógico, livre da hierarquia entre pesquisadores e “pesquisados”, inspirado na iniciativa do antropólogo José Jorge de Carvalho à frente do Encontro de Saberes, promovido pelo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão de Saberes no Ensino Superior e na Pesquisa – INCTI/UnB².

Os mestres e as mestras convidados, a maior parte deles com pouca ou nenhuma instrução educacional formal, são oriundos de contextos de luta por direitos básicos como o direito à terra e a manutenção de seus modos de vida tradicionais. Vale notar, nesse sentido, que aqueles que tem as vidas mais humildes são os mais dádivosos. São eles que defendem o bem comum – nas diversas acepções que esse termo possa vir a ter –, enfrentando a brutal expropriação das formas de vida hoje levada a cabo pelas novas forças do capital. No Brasil contemporâneo, as populações indígenas, os habitantes de comunidades quilombolas, ribeirinhas ou extrativistas são os que mais corajosamente resistem à dilapidação sistemática da propriedade coletiva (conduzida tanto pelas empresas particulares quanto pelo Estado). Em seu anonimato, vivendo em condições adversas, são eles que fazem valer concretamente, em sua existência cotidiana, o *slogan* do Ministério da Cultura: “Patrimônio imaterial, bem do Brasil”³.

¹ Sobre a Formação Transversal da UFMG, ver: <https://www2.ufmg.br/prograd/prograd/Pro-Reitoria-de-Graduacao/Estudante/Formacao-Transversal> . Acesso em: 31 jul. 2015.

² Todas as informações sobre o Encontro de Saberes encontram-se disponíveis em <http://www.inctinclusao.com.br/encontro-de-saberes/encontro-de-saberes> . Acesso em: 31 jul. 2015.

³ Como bem indicaram Manuela Carneiro da Cunha e Mauro W.B. Almeida, o vínculo entre as populações tradicionais e o conservacionismo não é imediato nem natural, e se faz de

Em outra chave interpretativa, mas que guarda muitas afinidades com nossa proposta de implantação dessas disciplinas no ensino de graduação da Universidade, Eduardo Viveiros de Castro lembra o quanto a diversidade é consubstancial às várias formas de vida:

A diversidade dos modos de vida humanos é uma diversidade dos modos de nos relacionarmos com a vida em geral, e com as inumeráveis formas singulares de vida que ocupam (informação) todos os nichos possíveis do mundo que conhecemos. A diversidade humana, social ou cultural, é uma manifestação da diversidade ambiental, ou natural – é ela que nos constitui como uma forma singular de vida, nosso próprio modo de interiorizar a diversidade “externa” (ambiental) e assim reproduzi-la (VIVEIROS DE CASTRO, 2008, p. 256).

A diversidade, portanto, dialoga com os diferentes aspectos que envolvem o ser-em-comum, sem pretender encerrá-lo (à força) em uma figura unívoca. Trata-se de buscar exatamente o contrário: de abordar o ser-em-comum pelo viés do múltiplo. Animada pela necessidade de reforçar as ações afirmativas no âmbito das práticas de ensino e de aprendizagem entre nós, a proposta de formação em saberes tradicionais da UFMG busca aproximar, simetricamente, os saberes acadêmicos e aqueles outros provenientes de outros modos de experimentar e conhecer o mundo: o das matrizes indígenas e afrodescendentes. Buscamos oferecer aos alunos da universidade a oportunidade de experimentar – no sentido forte do termo – modalidades outras de conhecimento (com seu *ethos* e sua lógica peculiares). Para tanto, os saberes oriundos das chamadas sociedade tradicionais serão abordados diretamente pelos seus protagonistas. A proposta de fundo do projeto é a inclusão desses saberes no âmbito das formas de transmissão do conhecimento mantidas pela universidade, bem como o reconhecimento destes grandes mestres que ficaram esquecidos na construção da sociedade brasileira, embora sejam extremamente importantes para as comunidades em que exercem suas especialidades e – por que não – imprescindíveis para criarmos outras maneiras de conhecer e viver em comum, capazes de lidar com a alteridade sem expurgá-la ou destruí-la. A inovação desta proposta está tanto no domínio pedagógico (ao buscar outros modos de transmissão do conhecimento) quanto no epistêmico (ao incorporar outras matrizes de saberes que não aqueles produzidos e manejados pelos protocolos consolidados pela academia). Com isso, a universidade poderá vir a abrigar e a incluir discentes oriundos

diferentes maneiras. Cf. <http://uc.socioambiental.org/territ%C3%B3rios-de-ocupa%C3%A7%C3%A3o-tradicional/quem-s%C3%A3o-as-popula%C3%A7%C3%B5es-tradicionais> . Acesso em: 27 fev. 2012.

GUIMARÃES, César et al. Por uma universidade pluriépistêmica: a inclusão de disciplinas ministradas por mestres dos saberes tradicionais e populares na UFMG. **Tessituras**, Pelotas, v. 4, n. 2, p. 179–201, jul./dez. 2016.

de grupos étnicos e populações tradicionais ou de classes sociais desfavorecidas, cujos saberes são correntemente negados ou ignorados pelas modalidades estabelecidas de produção e transmissão do conhecimento.

2. ANTECEDENTES: o protagonismo da UFMG nas ações de colaboração com os mestres dos saberes tradicionais e populares

A UFMG possui um significativo histórico de protagonismo em ações de reconhecimento e inclusão dos mestres de saberes tradicionais em suas instâncias de produção e compartilhamento do saber. Citamos a produção de livros de autoria indígena, hoje liderada pelo grupo Literaterras (FALE), a participação de mestres indígenas nos seminários e encontros promovidos pelo FIEI (FAE), os projetos: Artesanato Cooperativo e Saberes Plurais, ambos vinculados ao Programa Polo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha (PROEX e DAC). Estes projetos trabalham com artesãos do Vale, promovem a feira de artesanato na UFMG, fazem homenagem aos mestres e realizam o registro de suas vidas e obras. Citamos também os eventos do Forumdoc.bh (FAFICH) que hoje, em sua 18ª edição, contam com a participação de cineastas indígenas e quilombolas, o Encontro de Etnomusicologia que, no ano comemorativo dos 500 anos, trouxe para as mesas de discussão especialistas africanos, afrodescendentes e indígenas (Escola de Música da UFMG e FAFICH), a participação dos mestres artistas Maxakali no programa “Artistas Visitantes” da UFMG em 2006 como professores de disciplinas optativas ofertadas pela Escola de Música e Escola de Belas Artes. Desde 2012 o Festival de Inverno da UFMG, cujo tema vem sendo “O bem comum”, tem se engajado ainda mais na via de reconhecimento dos mestres e de suas capacidades de transmitirem aos alunos das cidades seus ensinamentos, sua pedagogia e as etiquetas que envolvem seus modos de conhecimento. Os participantes dos festivais têm podido entrar em contato direto com estes mestres quilombolas, afrodescendentes e indígenas. Ainda em 2012, a mesma equipe organizadora do Festival de Inverno, organizou o Seminário “A cosmociência Guarani, Mbyá e Kaiowa e o reconhecimento acadêmico de seus intelectuais”. Em 2013 o IEAT recebeu como cátedra o líder e xamã Yanomami, Davi Kopenawa, que realizou diferentes palestras nas diversas unidades da UFMG.

Em fevereiro de 2014, teve início a disciplina optativa “Artes e Ofícios dos Saberes Tradicionais” ofertada pelo colegiado de Comunicação Social (COM 351). A disciplina, de 6 créditos, e de caráter multidisciplinar, se estruturou em cinco módulos, de acordo com o agrupamento de 5

mestres e aprendizes que vieram dispensar suas diferentes maestrias. Estes mestres vieram de diferentes regiões do país (Amazônia, Mato Grosso do Sul, Norte de Minas, Região Metropolitana de Belo Horizonte). A experiência da disciplina foi propiciada pelo INCT de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa (UNB), coordenado pelo professor José Jorge de Carvalho que, em acordos firmados com o MINC e o MEC, organiza, desde 2010, o Encontro de Saberes, convidando mestres de diferentes regiões do país a ministrarem seus ensinamentos aos alunos da UNB. Vale destacar ainda, como desdobramento da disciplina no âmbito da Pós-Graduação, a realização, em paralelo, do “Seminário Encontro de Saberes: Conhecimentos Tradicionais e Conhecimentos Científicos” (15h/a), que abrigou 30 alunos dos Programas de Pós-Graduação em Antropologia, Artes, Comunicação, Educação e Música em palestras protagonizadas pelos mestres. Movidos pela intensidade e importância da experiência, apresentamos à Reitoria da UFMG o presente projeto, que busca ao mesmo tempo inserir na vida acadêmica o aprendizado de saberes tradicionais com os mestres e o seu reconhecimento acadêmico. O seu objetivo central é incluir como docentes do Ensino Superior os mestres e mestras que representam a rica diversidade epistemológica existente no país nas mais diversas áreas (Artes, Saúde, Tecnologia, Meio Ambiente), viabilizando aprendizados mútuos.

3. OS CONHECIMENTOS TRADICIONAIS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

O tema dos conhecimentos tradicionais tem aparecido como um debate de extrema importância no mundo contemporâneo e em conexão com várias áreas do saber. As tecnologias de cultivo, pesca, coleta e manejo florestal praticadas pelas sociedades indígenas, quilombolas e ribeirinhas, vêm sendo apontadas como soluções de segurança alimentar, pela capacidade que possuem em manter vivas grande diversidade de grãos, manivas, frutas e peixes. Os conhecimentos tradicionais sobre as qualidades medicinais da flora pertencente aos diferentes biomas vêm sendo motivo de discussão para a criação de protocolos que protejam estes conhecimentos tradicionais contra as práticas de biopirataria. As arquiteturas tradicionais na construção de casas, malocas (que são verdadeiras catedrais), barragens de pesca, as construções de embarcações marítimas e fluviais, as medecinas tradicionais: todas estas formas milenares de conhecimento vêm ainda sendo sustentadas por mestres de comunidades inteiras e garantindo a elas sua sobrevivência. Os artistas contemporâneos vêm igualmente encontrando em várias expressões dos artistas tradicionais um fecundo diálogo estético. Questões mais atuais dos

debates sobre as artes, como os regimes de visibilidade, o estatuto da imagem, a dissolução da obra nas formas cotidianas de intervenção estética, a criação de espaços de partilha do sensível, bem como noções de repetição, estereoscopia, intensidade e paralelismo, levam artistas consagrados a dialogarem com estes artistas das tradições, reconhecendo entre estes últimos seu lugar de sujeitos do conhecimento, das artes e dos ofícios. O cinema realizado por cineastas indígenas, premiado em diversos festivais nacionais e internacionais, vem chamando a atenção pelo que trouxe de novo para o tratamento e a ontologia da imagem, e pelo que descortinou ao cenário dos saberes ocidentais as formas estéticas de sociabilidade dos povos originários.

Mas, para além daquilo que encerram, estes saberes tradicionais chamam a atenção por outros aspectos do seu caráter:

- Seus conhecimentos estão a serviço de comunidades que os colocam à prova no cotidiano. Os mestres e artistas tradicionais agem desprovidos da noção de autoria, sem o valor da subjetividade egóica forjada pelo sistema de autoridade ocidental;
- Seus saberes são multidisciplinares. Geralmente um mestre domina um número maior de campos disciplinares do que o que praticamos nos nossos modelos de ensino;
- Estes saberes respondem a protocolos específicos de transmissão e prática. Aprender não é um direito universal e adquirido entre as comunidades tradicionais. Aprender e ensinar são ações movidas e zeladas por uma rigorosa etiqueta social, imbricadas nas formas de sociabilidade, na religiosidade, na genealogia, na posição de cada sujeito dentro do grupo.

Há muito a se fazer para que as universidades incluam efetivamente os saberes tradicionais, de modo que eles possam, não apenas se legitimar pelos saberes científicos, mas transformar nossas próprias práticas e paradigmas. Afinal, como tem lembrado a antropóloga Manuela Carneiro da Cunha (2009), os conhecimentos tradicionais não são apenas um acervo a ser estudado, passível até mesmo, quem sabe, de ser legitimado, validado pelo saber científico. Não se trata tampouco de buscar nas práticas tradicionais procedimentos, objetos e substâncias (e seus “princípios ativos”) que pudessem ser desenvolvidos e aprimorados por meio de métodos, agora sim, “científicos”. As ciências tradicionais possuem potencial para renovar os próprios paradigmas de nossa ciência, a partir do reconhecimento de que existem “muito mais regimes de conhecimento e de cultura do que supõe nossa vã imaginação metropolitana” (CARNEIRO DA CUNHA, 2009, p. 329).

4. AS UNIVERSIDADES E OS CONHECIMENTOS TRADICIONAIS

As universidades latino-americanas (e, sobretudo as brasileiras que foram fundadas mais tardiamente que as demais) foram historicamente constituídas como brancas, excludentes, dedicadas a reproduzir apenas o saber eurocêntrico moderno, ao invés de se constituírem como centros multiepistêmicos, abertos a todas as línguas e saberes, fossem eles ocidentais, indígenas, ou africanos, todos vigentes no continente.

Algumas universidades de países do hemisfério sul ou do extremo oriente possuem experiências de promoção do encontro de saberes tradicionais com as disciplinas ocidentais. A Benares Hindu University (Universidade Hindu de Varanasi), na Índia, além de todas as matérias das universidades ocidentais – matemática, física, história, medicina, línguas – possui disciplinas relacionadas aos conhecimentos de tradição védica (medicina védica, astronomia védica, a matemática, os vários idiomas da Índia, o sânscrito, o hindi, o bengali, etc). Trata-se, de fato, de uma universidade indiana. No Japão, os departamentos de filosofia repartem-se em pelo menos três: a filosofia ocidental, a filosofia chinesa e a filosofia indiana. A Universidade Obafemi Awolowo, que se encontra em Ife, a cidade sagrada dos lorubás, na Nigéria, quando teve como reitor Wándé Abímbólá, um babalorixá de alta patente, realizava anualmente reuniões dos babalaôs que vinham de várias regiões da Nigéria, do Benin e do Togo. Estes encontros serviam ao confronto de grandes textos orais, da tradição dos *Odú*.

A Universidade de Dharamsala, que é uma universidade tibetana em exílio, possui os monges como seus grandes sábios. Estes atravessaram o Himalaia fugindo, sem nada nas mãos, e sabem os extensos livros de sua tradição apenas de memória. Esta universidade tem como biblioteca a memória dos sábios. Em Cuba, os cursos de música apresentam exemplos de um encontro descolonizado entre as artes das diferentes tradições: os departamentos possuem especialistas de violino, violoncelo, piano e os diversos instrumentos da cultura erudita europeia em convívio com mestres de guajiras, guarachas, bolero, habanera e toda a multiplicidade de gêneros conhecidos em suas tradições seguindo o princípio de que nenhuma expressão artística e tecnológica de excelência que se abrigue na sociedade pode ficar sem representação docente na Universidade.

Por fim, temos o exemplo singular da Universidade Intercultural *Amawtay Wasi* do Equador. *Amawtay Wasi* em quéchua quer dizer a “casa da sabedoria”. *Amawta*, o sábio; *Amawtay*, sabedoria. *Amawtay Wasi* é a casa do saber. Talvez esta tenha em seu projeto pedagógico a proposta mais radicalmente descolonizadora de todas as que aqui mencionamos,

pois está fundada em três princípios: “Aprender a aprender” (com os sábios), “aprender a desaprender” (os valores do mundo ocidental) e “aprender a reaprender e agir”⁴.

5. EXCLUSÃO E VULNERABILIDADE SOCIAL DOS MESTRES DOS SABERES TRADICIONAIS

Existe na tradição de artistas e intelectuais brasileiros uma positiva aliança estética, intelectual e espiritual com personagens importantes da cultura popular e tradicional. Talvez o paradigma desta aliança tenha sido Mario de Andrade com o mestre coquista do Rio Grande do Norte, Chico Antônio, relatados pelo primeiro com maravilhamento em *O turista aprendiz*. Entretanto, alguns anos depois, o mestre coquista se mudou para o Rio de Janeiro para trabalhar como pedreiro, vivendo em condições precárias, nunca mais tendo acesso ao pesquisador, em momento em que, pelas contingências de seu histórico, Mario de Andrade se encontrava na mesma cidade⁵. O caso é paradigmático sobretudo por demonstrar que esta aliança é de caráter provisório. Quantos pesquisadores – arqueólogos, biólogos, botânicos, etnólogos, ceramistas, atores e músicos – não se encantam e aprendem com mestres, xamãs, artistas, mateiros, grandes conhecedores de importantes ofícios, mas nada ou muito pouco conseguem fazer por suas situações de precariedade e exclusão? Existe um vácuo profundo de classe social entre os mestres das artes e ofícios dos saberes tradicionais e a classe acadêmica, ainda que a aliança intelectual, religiosa, espiritual, estética, pareça evidente.

Mais do que a exclusão social, muitos deles, que são ao mesmo tempo os líderes espirituais e políticos, sofrem ameaças de vida. Descobrimos, durante o Festival de Inverno (2012), o dramático relato dos aprendizes e xamãs Guarani Kaiowá do Mato Grosso do Sul, alguns deles hoje incluídos no Programa de Proteção aos Defensores dos Direitos Humanos. Vivendo há anos uma luta sem trégua pela retomada de suas terras ancestrais, tendo diante de si sobretudo os agentes do agronegócio que possuem grande força no âmbito do poder Legislativo, com capacidade de judicializar *ad infinitum* os processos de demarcação, estes sábios Guarani Kaiowá, conhecedores de uma milenar agricultura, sofrem cotidianamente a pressão do preconceito da população, da mídia, das

⁴ As informações apresentadas nesse tópico foram extraídas da conferência do professor José Jorge de Carvalho na mesa de abertura da disciplina Encontro de Saberes na UFMG em fevereiro de 2014. Ver também Carvalho (2010), Carvalho e Florez (2014a e 2014b), Carvalho e Águas (2015).

⁵ O caso e o tema foram tratados por José Jorge de Carvalho no texto “A Sensibilidade Modernista face às Tradições Populares” (2000).

autoridades locais, e mais ainda, são vítimas frequentes de tentativas de homicídios por “pistoleiros” de empresas privadas contratados pelos ruralistas. Como eles, muitos mestres são vítimas de atropelamentos escusos, assassinatos a queima roupa que permanecem impunes, e ainda, infelizmente, morrem precocemente por falta de cuidados médicos, sanitários e nutricionais.

Observa-se na sociedade brasileira um enorme desconhecimento sobre a ação destes guardiões de saberes, da multiplicidade de línguas, de repertórios mítico-poéticos, de grãos, de ofícios em extinção, guardiões que são também os protetores das comunidades tradicionais. Tal desconhecimento, certamente, é dos principais responsáveis para que o ódio étnico-racial se incruste ainda mais nas entranhas do tecido social e foi a motivação principal da Lei 11.645/2008, que torna obrigatório o ensino sobre história e cultura afro-brasileira e indígena, ainda pouco observada nos currículos das Licenciaturas nas IFES. Desta forma, nós acadêmicos, que provamos o encantamento diante do modo de agir destes mestres, devemos ir além desta aliança estético-espiritual, devemos compartilhar com eles o lugar de empoderamento que desfrutamos na sociedade, nosso status de professores universitários. Já trazemos os conhecimentos destes mestres dentro de nossas disciplinas, em nossos livros, artigos. Agora, cabe-nos dar um novo passo no sentido do reconhecimento destes mestres, por meio dos títulos de Notório Saber⁶. Tal reconhecimento protegerá a vida destes mestres, pela força simbólica e material que encerra, protegerá culturas, línguas e sistemas de conhecimento que estão desaparecendo, e permitirá que, enfim, construamos uma universidade realmente brasileira, retratando o universo pluriépistêmico que vive no país. A titulação dos mestres demanda uma discussão qualificada, com setores diversos da sociedade, como o INCT de Inclusão, o CNPq e pesquisadores envolvidos com o tema, o MINC, o IPHAN. É possível que a UFMG encontre o seu caminho próprio dentro deste debate. A complexidade do assunto é proporcional à riqueza de situações que passarão a figurar e ao tempo de atraso que acumulamos com relação a esta questão.

Embora exista este consenso, sabemos da existência de pessoas que possuem em seus domínios de saber grande maestria e que, pelas razões históricas da diáspora africana, da exclusão, da perseguição de comunidades inteiras de povos originários, passaram a viver em centros urbanos, distantes de suas comunidades de origem. É inegável que este projeto possui um caráter reparador e afirmativo por ser uma proposta de inclusão e descolonização. Assim, diante da vulnerabilidade e exclusão de

⁶ Na UFMG, foi constituída em 2016, sob a presidência da Profa. Leda Martins, Diretora de Ação Cultural, uma comissão para formulação de resolução que formaliza a concessão de títulos de Notório Saber no âmbito da Universidade.

muitos dos mestres, e de muitas maestrias, parece-nos estratégico que exista uma ordem de prioridade a ser concedida aos casos de maior vulnerabilidade social em que se encontram os detentores de saberes e ao risco de desaparecimento do ofício. Nesse sentido, seria importante também pensar, em consonância com as políticas afirmativas que foram atuantes nos últimos anos nas universidades brasileiras, nos recém doutores que são ao mesmo tempo mestres indígenas. Para esta nova geração de acadêmicos indígenas, é importante criar políticas afirmativas nos concursos de cargos docentes que os insiram nas universidades públicas e, ao mesmo tempo, crie modalidades de carreira que permita que não abandonem suas comunidades de origem. Uma possibilidade é que lhes sejam franqueadas vagas como Professores Visitantes, para que possam agenciar modelos híbridos de produção e guarda dos saberes.

6. O PROJETO ENCONTRO DE SABERES DO INCT DE INCLUSÃO NO ENSINO SUPERIOR E NA PESQUISA E AS POLÍTICAS PÚBLICAS DE RECONHECIMENTO DOS MESTRES

O projeto Encontro de Saberes é uma iniciativa inovadora na promoção de diálogos sistemáticos entre os conhecimentos acadêmicos e os saberes indígenas, quilombolas e de outras comunidades tradicionais. A proposta baseia-se em uma perspectiva pedagógica que integra o pensar, o sentir e o fazer, o que sublinha o seu caráter vanguardista, tanto em termos teóricos quanto metodológicos. Rompendo com a dicotomia sujeito/objeto, enfatiza o protagonismo de indivíduos e coletividades geralmente enquadrados como objetos de estudos, colocando a ciência em intenso diálogo com um manancial de conhecimentos tornados historicamente invisíveis.

Este é um projeto estruturante do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa (INCTI), que resulta de uma parceria estabelecida junto à Universidade de Brasília (UnB), ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), ao Ministério da Cultura (MinC) e ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI). O Encontro de Saberes atende também à meta proposta pela Câmara Interministerial de Educação e Cultura, criada em 2006 e regulamentada por Portaria Normativa Interministerial N° 1 de 04 de outubro de 2007, de incorporar os mestres de ofício e das artes tradicionais nos vários níveis de ensino.

Executado a partir de 2010, o projeto formatou a metodologia para a implementação da disciplina “Encontro de Saberes: Artes e Ofícios dos

Mestres Tradicionais”, que faz parte da grade horária regular da graduação do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, na modalidade de módulo livre.

Os mestres – que representam a diversidade nacional de saberes tradicionais e populares – atuam lado a lado com professores parceiros, dotados de conhecimentos acadêmicos de áreas afins, tais como Educação Ambiental, Música, Artes Cênicas, Arquitetura, Farmácia e Ciências da Saúde. É a partir deste encontro que emergem as convergências epistemológicas viabilizadas pelo projeto, de caráter inédito no cenário educacional brasileiro.

Desde 2010, seis edições da disciplina já foram realizadas, sendo que na edição ofertada em 2013 foi aberta em dois turnos, contando com a participação de 100 alunos – e, dentre estes, professores do Ensino Médio e Fundamental da Rede Pública. No total, apenas na UnB, o Encontro de Saberes já envolveu mais de 200 estudantes, 31 mestres e assistentes, oito professores parceiros, além de diversos pesquisadores do Brasil e do exterior.

Atendendo a um compromisso estabelecido previamente junto ao Ministério da Cultura, o Encontro de Saberes encontra-se atualmente em pleno processo de expansão. Após a implementação do projeto-piloto na UnB, outras quatro instituições de Ensino Superior, em parceria com o INCTI, abraçaram a proposta: a partir de 2014, o projeto passou a ser também executado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Universidade Estadual do Ceará (UECE) e Universidade Federal do Pará (UFPA), nos *campi* Belém e Bragança.

Além deste momento de ampliação em território nacional, o projeto vem sendo replicado na *Pontificia Universidad Javeriana*, uma instituição de excelência no Ensino Superior colombiano. E, também naquele país, a proposta inovadora do Encontro de Saberes encontra-se em vias de experimentar o seu próprio processo de expansão.

Diante de tais ramificações dentro e fora do Brasil, faz parte do plano de ações do Encontro de Saberes o estabelecimento de uma rede, capaz de articular e fomentar o diálogo em torno das inovações teórico-metodológicas viabilizadas através do projeto, congregando pesquisadores, mestres, instituições públicas e demais intervenientes envolvidos nas ações e no debate.

Outro ponto complementar e integrado ao Encontro de Saberes é o mapeamento e ordenamento das informações acerca de quem são e onde estão os sábios tradicionais do território brasileiro. Neste sentido, o INCTI, com o apoio do Ministério da Cultura, também deu início ao projeto “Cartografia dos Mestres das Expressões das Culturas Populares Tradicionais”. Esta iniciativa reflete um desejo há muito perseguido pelos grandes estudiosos das tradições brasileiras – tais como Mário de Andrade,

Edison Carneiro e Câmara Cascudo – e, mais recentemente, reiterado pela Carta das Culturas Populares (2005), pelo Plano Setorial para as Culturas Populares do Ministério da Cultura (2012) e pela Carta de Princípios da Rede das Culturas Populares e Tradicionais (2012). Esse mapeamento terá relevância como subsídio necessário aos projetos Mais Culturas nas Universidades, complementar ao Mais Culturas nas Escolas, ambas políticas consolidadas em parceria com o Ministério da Cultura. Nos dois casos, as escolas e as universidades deverão contar com a presença dos mestres dos saberes tradicionais, o que exigirá informação sistematizada e precisa sobre a rede nacional dos mestres.

Finalmente, temos também a expectativa da votação em breve, pelo Congresso Nacional, da Lei dos Mestres (Programa de Proteção e Promoção dos Mestres e Mestras dos saberes e fazeres das culturas populares), já aprovada na Comissão de Cultura da Câmara dos Deputados em 12/11/2014. Assim, mestres e mestras poderão atuar também nas universidades e, também neste caso, os modelos para a aplicação dessa política deverão se inspirar no projeto pioneiro do Encontro de Saberes e na rede de mestres mapeada pelo projeto Cartografia.

7. PRINCIPAIS ASPECTOS DO DESENHO DO PROJETO DE IMPLANTAÇÃO DE DISCIPLINAS MINISTRADAS POR MESTRES DOS SABERES TRADICIONAIS NA UFMG⁷

O projeto tem como objetivo geral a introdução, na Universidade, do contato com outras lógicas cognitivas baseadas em conhecimentos não-escolares e não-eurocêntricos (gerados conforme outras modalidades de produção, transmissão e transformação). Para tanto, como enfatizado anteriormente, propõe-se um diálogo simétrico entre os saberes de

⁷ A proposta de implantação de disciplinas de mestres dos saberes tradicionais e populares foi apresentada à Pró-Reitoria de Graduação e à Reitoria da UFMG em 2014. Ela foi construída em reuniões nas quais estiveram presentes professores e funcionários técnico-administrativos em educação que vêm de certa forma acumulando experiência com projetos de pesquisa e extensão onde os mestres são seus colaboradores diretos. Tais reuniões foram capitaneadas pela Profa. Rosângela Pereira de Tugny, à época na Escola de Música da UFMG, que é membro da Rede do INCTI. Além desse elenco inicial de colaboradores, vemos a necessidade e o potencial de inserção regular de mestres em muitos outros campos do saber (botânica, medicinas tradicionais, arqueologia, agronomia), mas para tanto, precisamos contar com potenciais professores na UFMG que sejam parceiros/anfitriões nas unidades afins. Acreditamos que o desenho proposto é capaz de abrigar uma pluralidade de mestres e ser implantado de forma modesta e ao mesmo tempo consistente. Os primeiros resultados em termos da alta demanda pelas disciplinas e avaliações qualitativas dos docentes e discentes envolvidos são demonstrações concretas da efetividade do desenho.

matrizes indígenas, afrodescendentes e populares com a produção do conhecimento científico e artístico em diversas áreas de conhecimento deles decorrentes. Como objetivos específicos, destacam-se:

- Incluir como docentes do Ensino Superior os mestres e mestras que representam a rica diversidade epistemológica existente no país nas mais diversas áreas (Artes, Saúde, Tecnologia, Meio Ambiente e assim por diante), viabilizando aprendizados simétricos.
- Promover uma perspectiva pedagógica que integra o pensar, o sentir e o fazer, o que sublinha o seu caráter vanguardista, tanto em termos teóricos quanto metodológicos.
- Romper com a dicotomia sujeito/objeto, enfatizando o protagonismo de indivíduos e coletividades geralmente enquadrados como objetos de estudos, colocando a ciência em intenso diálogo com um manancial de conhecimentos historicamente invisibilizados.
- Estabelecer uma rede, capaz de articular e fomentar o diálogo em torno das inovações teórico-metodológicas viabilizadas através do projeto, congregando pesquisadores, mestres, instituições públicas e demais intervenientes envolvidos nas ações e no debate.

A implantação do projeto prevê o trabalho em quatro frentes de trabalho articuladas: 1) a pesquisa *sobre e com* os mestres de saberes tradicionais do estado de Minas Gerais e de outros estados, buscando conhecer suas especialidades, modos de transmissão, inserção nas suas comunidades, biografias e possibilidades de diálogo intercultural por meio de pesquisa de campo e entrevistas em profundidade; 2) a formação de uma rede de professores parceiros no âmbito da universidade nas diversas áreas de conhecimento com vistas ao melhor acolhimento dos mestres e invenção de formas de diálogo acadêmico nos campos do ensino, da pesquisa e da extensão; 3) a produção e articulação de iniciativas e produtos diversos a partir da implantação das disciplinas: vídeo-aulas, filmes documentários, materiais didáticos impressos, formas construtivas e novas espacialidades no campus da universidade, sites e redes digitais de informação/interação com os públicos, a promoção de eventos periódicos a cada semestre, a busca de incidência nos projetos político-pedagógicos dos cursos de graduação, nos projetos e programas de extensão, na pesquisa e nas políticas públicas de educação relacionadas; 4) a titulação dos mestres com Notório Saber com base numa discussão qualificada com setores diversos da sociedade, como o IPHAN, o INCT de Inclusão, o MINC, o CNPq e pesquisadores envolvidos com o tema.

A proposta de implantação das disciplinas está organizada em torno de três eixos, atividades didáticas que serão ministradas pelos mestres dos

saberes tradicionais. A proposta foi construída em reuniões onde estiveram presentes professores e funcionários técnico-administrativos em educação que vêm de certa forma acumulando experiência com projetos de pesquisa e extensão onde os mestres são seus colaboradores diretos. O desenho proposto é capaz de abrigar uma pluralidade de mestres e ser implantado de forma sistemática e consistente:

- Eixo 1: formado por uma só disciplina, vinculada à Prograd, de caráter multidisciplinar, intitulada “Artes e ofícios dos saberes tradicionais”;
- Eixo 2: formado por 3 disciplinas que terão oferta anual, podendo ser vinculadas às unidades ou à Prograd. São elas: “Línguas e narrativas dos povos originários”, “Saberes tradicionais das artes”, e “Cinema e pensamento indígena”. As unidades de acolhimento para estas disciplinas podendo ser respectivamente a FALE (linguística e literatura comparada), as Escola de Belas Artes e Escola de Música e a FAFICH (Departamentos de Comunicação e Antropologia);
- Eixo 3: composto por uma disciplina de caráter teórico e prático denominada “Arquiteturas e suas cosmociências”. Poderá ser vinculada à Prograd e/ou à Escola de Arquitetura, à FAFICH, ao ICB e à Escola de Engenharia.

Vinculado às disciplinas, tem sido realizadas também ações do projeto Cine Maloca, atividade iniciada no 44o. Festival de Inverno da UFMG e retomada na 46a. edição. O projeto abriga, de modo itinerante, exposições de cinema ao ar livre, seja em espaços públicos (praças, largos, escolas etc.), seja em espaços domésticos coletivos (o quintal de uma casa, por exemplo). Valendo-se de uma infra-estrutura simples, o Cine Maloca permite investigar as relações entre o cinema e o espaço, em curadoria que considera fortemente a circunstância da projeção. Além da escolha dos filmes, deve-se considerar também as estratégias de mobilização dos espectadores, a concepção e preparação do espaço de exibição, e a organização de atividades afins (comidaria comunitária, bate-papo com os diretores ou outros convidados, jardinagem e cultivo etc.). Para além de um apelo estritamente temático, o cinema abriga e participa de processos de transmissão, elaboração e reelaboração dos conhecimentos populares e tradicionais, o que o torna um forte aliado do Encontro de Saberes, ampliando também o seu potencial de alcance para alunos e alunas não matriculados nas disciplinas.

Na UFMG, durante o primeiro semestre de 2014, o projeto foi executado com a participação de 10 mestres e assistentes de comunidades quilombolas, indígenas e ribeirinhas, 8 professores-parceiros e 70 estudantes de graduação e pós-graduação. Vale ressaltar que a experiência

da UFMG possibilitou a relação dos mestres dos saberes tradicionais com os estudantes dos programas de pós-graduação em Comunicação, Artes e Música. Já no primeiro semestre de 2015, com a institucionalização da Formação Transversal - Saberes Tradicionais foram realizadas duas disciplinas: Saberes Tradicionais: Curas e Cuidados (UNI 050) e Saberes Tradicionais e Cosmociência: Cinema e Pensamento Indígena Kino Maxacali (UNI 053) com a participação de 10 mestres e aprendizes, 8 professores-parceiros e 80 estudantes de graduação. Além disso, foi institucionalizado, junto à Pro-Reitoria de Graduação um comitê-gestor composto por 8 professores, 2 bolsistas de pós-graduação e 2 bolsistas de graduação. Nas duas edições, as disciplinas foram precedidas por um evento de abertura com a presença de mestres e mestras de Minas Gerais e de outros lugares do Brasil com destacada projeção em suas comunidades e diversos fóruns políticos e sociais (ver quadro-síntese das participações de mestres e mestras abaixo).

Quadro 1: Mestres e Mestras Convidados 2014 e 2015.

2014			
Mestre/Mestra/ Aprendiz	Participação	Origem	Professor/Professor a parceiro/parceira
Seu Badu e Marilene de Siqueira (aprendiz de S. Badu)	Módulo Cultura e Cultivos dos Quiombos/Evento de Abertura	Quilombo do Mato do Tição (região de Jaboticatubas-MG)	Rubens da Silva (ECI/UFMG)
Sebastiana de Oxossi e Tânia Aparecida da Silva Oliveira (aprendiz de D. Tiana)	Módulo Cultura e Cultivos dos Quiombos/Evento de Abertura	Quilombo Carrapatos da Tabatinga (Bom Despacho-MG)	Rubens da Silva (ECI/UFMG)
<i>Nhanderu</i> Valdomiro Flores; Cacique Genito Gomes (aprendiz/tradutor de S. Valdomiro); <i>Aboe</i> Valmir Gonçalves Cabreira (aprendiz/tradutor de S. Valdomiro)	Módulo Cosmociência Guarani e Kaiowa	<i>Tekoha</i> Guaiviry (Região de Aral Moreira-MS)	Luciana de Oliveira (DCS/FAFICH/UFMG)

Dona Maria Eugênia e Dona Margarida	Módulo A dinâmica das manivas do Médio Solimões	Comunidade de Nogueira-AM	Deborah Lima (DA/FAFICH/UFMG)
Jorge Antônio dos Santos e José Bonifácio (Bengala)	Módulo Cantos afro brasileiros: brincando e resistindo na tradição	Comunidade dos Arturos – Contagem-MG	Glaura Lucas (Escola de Música/UFMG)
Ney Xacriabá; Dona Dalzira Xacriabá	Módulo Territórios do Barro	São João das Missões-MG	Ana Gomes (FAE), Cristiano Bickel (EBA) e João Cristeli (EBA)
Alvaro Tukano Líder político	Conferência Evento de Abertura	São Gabriel da Cachoeira-AM (Alto Rio Negro)/Brasília-DF	-
Dona Izabel Cassimira Rainha Conga de MG	Evento de Abertura	Belo Horizonte-MG	-
Pedrina de Lourdes Santos Capitã de Maçambique	Evento de Abertura	Oliveira-MG	-
João Bosco Alves da Silva Mestre João Angoleiro	Evento de Abertura	Belo Horizonte-MG	-
2015			
Mestre/Mestra/Aprendiz	Participação	Origem	Professor/Professor a parceiro/parceira
Seu Badu e Marilene de Siqueira	Módulo Curas e Cuidados: curas pelas plantas, homeopatia e radiestesia	Quilombo do Mato do Tição (região de Jaboticatubas-MG)	Edgar Neto (FAE)/Livia Pancrácio (Enfermagem)
Luceli Moraes Pio e Ivanita Moraes Pio	Módulo Curas e Cuidados: farmacologia do Cerrado	Quilombo do Cedro; Mineiros-GO	Livia Pancrácio (Escola de Enfermagem)
Dona Jaçanã e Maria Raimunda	Módulo Curas e Cuidados: parto, plantas e cura xamânica	Aldeia Velha, Arraial D'Ajuda, BA	Erica Dumont (Escola de Enfermagem/FIEI) e Marcos Bortolous (Escola de Engenharia/FIEI)

Wherá Tupá (Seu Alcindo Moreira Mbya Guarani, e Karai Okenda (Geraldo Moreira Mbya Guarani))	Módulo Curas e Cuidados: saúde, alimentação e cura xamânica	Região de Florianópolis-SC	Isabel de Rose (Departamento de Antropologia)
Xoeni Maxakani (Suely Maxakali) e Yaet Maxakani (Isael Maxakali).	Disciplina Saberes Tradicionais - Cosmociências Título: Cinema e Pensamento Kino-Maxakali	Aldeia Verde, Ladainha, MG.	André Brasil e César Guimarães (Departamento de Comunicação Social)

Fonte: Elaborado pelos autores.

7. CONCLUSÕES

No artigo, apresentamos a experiência de implantação de disciplinas com mestres de saberes tradicionais e populares no ensino de graduação da UFMG. Certamente é um grande desafio para a Universidade lidar com sistemas comunitários de reconhecimento dos saberes que são estranhos aos seus procedimentos usuais. Os mestres vêm sendo consensualmente apontados como possuidores de um conhecimento integral sobre suas áreas de domínio, como capazes de transmissão, como possuidores de uma “sabedoria” e não apenas um ofício, e sobretudo como agentes vinculados a uma comunidade e reconhecidos por ela.

Assim, um dos aspectos mais relevantes dessa proposta é a inversão das relações com comunidades, coletivos e sujeitos daquela que convencionalmente recorta a relação da universidade com seu exterior: o movimento é o de trazer os mestres para dentro e não o de ir buscar os seus saberes em suas comunidades para alimentar as pesquisas e as ações de extensão. Chamamos a essa outra movimentação dos saberes de experiência de acolhimento que provoca um deslocamento também da universidade. Ela sai de seu lugar seguro de porta-voz/portadora do saber que se destina às comunidades, coletivos e sujeitos como à maneira de um processo civilizador e se coloca em interação com eles, podendo ser também modificada.

A proposta tem uma inserção em diversas comunidades e exige um amplo conhecimento de seu funcionamento para que possa lograr êxito. Um relato recorrente e de extrema relevância que testemunhamos ao longo da implantação da experiência no 2014/1 e 2015/1 foi o dos mestres dizendo que sua inserção na Universidade criou uma maior confiança nos

jovens sobre a relevância do aprendizado das tradições. Não menos importante, o relato dos alunos da universidade que participaram da experiência recuperando e reativando seus antepassados negros e indígenas com muito orgulho. Acreditamos portanto que a força dessa experiência tanto nas comunidades de origem dos mestres quanto na comunidade acadêmica propõe um envolvimento político e afetivo capaz de reconstituir nossas redes de memória, as relações entre tradição e modernidade e o nosso modo de pensar a história do Brasil.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. “Cultura” e cultura: conhecimentos tradicionais e direitos intelectuais. In: **Cultura com aspas e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2009. p. 311–373.

CARTA das Culturas Populares. **Seminário Nacional de Políticas Públicas para as Culturas Populares**. Brasília: Ministério da Cultura, 23 a 26 de fevereiro de 2005. Disponível em: <http://culturadigital.br/setorialculturaspopulares/files/2010/02/2005-CARTA-DAS-CULTURAS-POPULARES-DE-BRASILIA-SID.pdf>. Acesso em: 07 ago. 2015.

CARTA de Princípios da Rede das Culturas Populares e Tradicionais. **4º Encontro da Rede das Culturas Populares e Tradicionais (RCPT)**. Porto Alegre, 28 de janeiro de 2012. Disponível em: <http://www.famalia.com.br/?p=10169>. Acesso em: 07 ago. 2015.

CARVALHO, José Jorge de. **A sensibilidade modernista face às tradições populares**. Brasília: Universidade de Brasília, 2000.

_____. Espetacularização e Canibalização das Cuturas Populares na América Latina. **Anthropológicas**, Recife, v. 21, n. 1, p. 39–76, 2010a.

_____. Los estudios culturales en América Latina: interculturalidad, acciones afirmativas y Encuentro de Saberes. **Tabula Rasa**, Bogotá, n. 12, p. 229–251, 2010b.

CARVALHO, José Jorge; FLOREZ, J. F. Encuentro de saberes: proyecto para decolonizar el conocimiento universitario eurocéntrico. **Nómadas**, n. 41, 2014a.

_____. The Meeting of Knowledges: a project for the decolonization of

GUIMARÃES, César et al. Por uma universidade pluriépistêmica: a inclusão de disciplinas ministradas por mestres dos saberes tradicionais e populares na UFMG. **Tessituras**, Pelotas, v. 4, n. 2, p. 179–201, jul./dez. 2016.

universities in Latin America. **Postcolonial Studies**, v. 17, n. 2, p. 122–139, 2014b.

CARVALHO, José Jorge de; ÁGUAS, Carla. Encontro de Saberes: um desafio teórico, político e epistemológico. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; CUNHA, Teresa (Org.). **Actas do Colóquio Internacional Epistemologias do Sul: aprendizagens globais sul-sul, sul-norte e norte-sul. Democratizar a Democracia**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2015. v. 1.

CONVENÇÃO Sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais da UNESCO. **33ª Reunião da Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura**, Paris, 3 a 21 de outubro de 2005. Disponível em: <http://www.ibermuseus.org/wp-content/uploads/2014/07/convencao-sobre-a-diversidade-das-expressoes-culturais-unesco-2005.pdf>. Acesso em: 07 ago. 2015.

LEI 11.645/2008. **Sobre o ensino obrigatório de Temas da Cultura Afro-brasileira e da História da África e o ensino das Culturas Indígenas no ensino básico**. Brasília, 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm . Acesso em: 07 ago. 2012.

PLANO Nacional de Cultura, instituído pela Lei 12.343/2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12343.htm . Acesso em: 07 ago. 2015.

PLANO Nacional de Educação 2011–2010. **Conferência Nacional de Educação**. Brasília: Ministério da Educação, 28 de março a 1º de abril de 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=9262&Itemid= . Acesso em: 07 ago. 2015.

PROJETO DE LEI 1176/2011 que institui o Programa de Proteção e Promoção dos Mestres e Mestras dos Saberes e Fazeres das Culturas Populares. Brasília, 2011. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=499716> . Acesso em: 07 ago. 2015.

PORTARIA Normativa Interministerial MEC–MinC N. 1 de 4 de outubro de 2007. Disponível em: <http://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=199296>. Acesso em: 07 ago. 2015.

SETORIAL para as Culturas Populares do Ministério da Cultura. Brasília:

GUIMARÃES, César et al. Por uma universidade pluriépistêmica: a inclusão de disciplinas ministradas por mestres dos saberes tradicionais e populares na UFMG. **Tessituras**, Pelotas, v. 4, n. 2, p. 179–201, jul./dez. 2016.

Ministério da Cultura, 2012. Disponível em: http://www2.cultura.gov.br/culturaviva/wp-content/uploads/2013/03/plano_setorial_culturas_populares1.pdf. Acesso em: 07 ago. 2015.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Uma boa política é aquela que multiplica os possíveis. In: SZTUTMAN, Renato (Org.). **Encontros**: Eduardo Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Azougue, 2008. p. 228–259.

AUTORES

César Guimarães

Professor titular do Departamento de Comunicação Social da FAFICH–UFMG. Pesquisador junto ao CNPq. Integrante do Grupo de Pesquisa *Poéticas da Experiência*. Coordenador do Festival de Inverno da UFMG (2012–2014). Integrante do Comitê Gestor do Programa de Formação Transversal em Saberes Tradicionais. E-mail: cesargg6@gmail.com.

Luciana de Oliveira

Mestre em Antropologia (2000) e Doutora em Ciências Humanas: Sociologia e Política (2010) pela UFMG. Professora no Programa de Pós–Graduação e no curso de graduação em Comunicação Social da UFMG. Líder do grupo de pesquisa Corisco: Coletivo de Estudos, Pesquisas Etnográficas e Ação Comunicacional em Contextos de Risco. Trabalha desde 2012 com comunidades indígenas e com o Conselho Aty Guasu dos povos Guarani e Kaiowa do Mato Grosso do Sul. Atua desde 2014 na gestão do Programa de Formação Transversal: Encontro de Saberes da UFMG. E-mail: lucyoli@hotmail.com.

André Guimarães Brasil

Com pós–doutorado junto ao Centro de Mídia, Cultura e História da New York University e doutorado em Comunicação pela UFRJ, desenvolve pesquisas no domínio do cinema e do cinema documentário, com atenção à produção de filmes por diretores e coletivos indígenas. Professor do Departamento de Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais e do Programa de Pós–Graduação. Pesquisador do CNPq, líder do Grupo Poéticas da Experiência (CNPq/UFMG). Editor da Revista Devires – Cinema e Humanidades. Integra o Comitê Gestor da Formação Transversal em Saberes Tradicionais na UFMG. E-mail: agbrasil@uol.com.br.

GUIMARÃES, César et al. Por uma universidade pluriépistêmica: a inclusão de disciplinas ministradas por mestres dos saberes tradicionais e populares na UFMG. **Tessituras**, Pelotas, v. 4, n. 2, p. 179–201, jul./dez. 2016.

Rosângela Pereira de Tugny

Realizou o DEA (1991) e o Doutorado (1996) em Música e Musicologia na Université de Tours (Université François Rabelais). Professora associada do IHAC da Universidade Federal do Sul da Bahia. Coordena o Grupo de pesquisas (CNPq) “O trabalho da memória através dos cantos”, realizado em colaboração com o Museu do Índio–Funai (PRODCSOM). É integrante do INCT de Inclusão do Ensino Superior e na Pesquisa (CNPq). E-mail: tugny@gmail.com .

Ricardo Takahashi

Mestre em Engenharia Elétrica pela UFMG (1991) e Doutor em Engenharia Elétrica pela UNICAMP, em 1998. Desenvolve pesquisa nas áreas de Teoria de Controle e de Teoria da Otimização. De 2007 a 2009 coordenou um projeto CAPES/GRICES de cooperação internacional, e de 2012 a 2015 coordenou projeto de cooperação internacional FP7, financiado pela Comissão Européia, no âmbito das Marie Curie Actions. Pró-reitor de Graduação da UFMG. E-mail: r.h.c.takahashi@gmail.com .

Augustin de Tugny

Possui Graduação em Architecture Intérieure – Ecole Camondo, Paris (1986), Mestrado em Arquitetura pela Universidade Federal de Minas Gerais (2001) e Doutorado em Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais (2010). Professor adjunto da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), decano pró-tempore de seu Centro de Formação em Artes. E-mail: atugny@gmail.com .

Maria Aparecida Moura

Professora titular da Escola de Ciências da Informação da UFMG. Coordenadora de Políticas de inclusão Informacional da UFMG (2010–2014). Diretora de governança informacional da UFMG (DGI/UFMG). Coordena o Núcleo de Estudos das Mediações e Usos Sociais dos Saberes e Informações em Ambientes Digitais (NEMUSAD). Coordena o Museu virtual – Saberes Plurais. Atua nos programas de pós-graduação em Comunicação Social (PPGCOM/UFMG) e Ciência da Informação (PPGCI/UFMG). E-mail: cidamoura@gmail.com .

Fernanda de Oliveira

Antropóloga, doutoranda em Educação pela FAE/UFMG (2016–2019).

GUIMARÃES, César et al. Por uma universidade pluriépistêmica: a inclusão de disciplinas ministradas por mestres dos saberes tradicionais e populares na UFMG. **Tessituras**, Pelotas, v. 4, n. 2, p. 179–201, jul./dez. 2016.

Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (2011–2013). Graduada em Ciências Sociais pela mesma instituição (2006). Pesquisadora vinculada ao Núcleo de Estudos em Populações Quilombolas e Tradicionais (NuQ) da Fafich/UFMG (desde 2006). E-mail: fernanddaoliveira@gmail.com .

Bárbara Regina Altivo

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCOM–UFMG). Pesquisadora no Coletivo de Estudos, Pesquisas Etnográficas e Ação Comunicacionais em Contextos de Risco (Corisco). Mestre Antropologia Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Bacharel em Comunicação Social pela UFMG, com habilitação em jornalismo. E-mail: barbaraltivo@gmail.com .

Terezinha Furiati

Possui Graduação pela Universidade Federal de Minas Gerais (1981) e é programadora cultural da Universidade Federal de Minas Gerais. Tem experiência na área de Educação, Artes e Cultura, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, arte, cultura e artesanato. E-mail: tmaria@reitoria.ufmg.br .

Recebido em: 19/10/2016.

Aprovado em: 02/05/2017.

Publicado em: 28/06/2017.